

WM. PAUL YOUNG

Uma

Tradução de Leonor Bizarro Marques

Índice

1. Salva.....	9
2. As Origens.....	17
3. Lilly e a serpente.....	27
4. Segredos.....	39
5. O jardim de Deus.....	51
6. Os invisíveis.....	67
7. Os visitantes.....	81
8. O espelho da verdade.....	97
9. As sombras da recusa.....	111
10. A descida.....	125
11. A Casa-Forte.....	137
12. Seis dias.....	149
13. O nascimento de Eva.....	161
14. Memórias guardadas.....	173
15. Lilith.....	185
16. A Queda.....	195
17. Arrependimento.....	211
18. A face do amor.....	223
19. As três.....	239
20. O início do fim.....	251
O Poema de Lilly.....	257
Carta do autor.....	259
Agradecimentos.....	261

1

Salva

Imerso numa silenciosa maré de orações matinais e simples contemplação, John, o Colecionador, descansava, encostado a uma árvore, com os dedos dos pés dobrados e enterrados na areia fresca que ia aquecendo à superfície. Um oceano ondulante estendia-se a perder de vista, diante de si, fundindo-se com o céu limpo, cor de cobalto.

Odores a eucalipto, mirra e flores de hagenia abafaram a fragância salina do mar. John sorriu. Era sempre assim, o seu primeiro abraço! Resistindo à tentação de se levantar, mudou de posição para lhe dar espaço, baixou a cabeça e respirou fundo. Já lá ia algum tempo.

A mulher alta, de feições delicadas e pele cor de ébano aceitou o seu convite silencioso e sentou-se junto dele, despenteando-lhe o cabelo escuro e grisalho da nuca, com a ternura de uma mãe. Os seus dedos brincalhões provocaram-lhe uma sensação de paz nos ombros e nas costas, aliviando o fardo que inconscientemente carregava dentro de si.

Teria ficado assim durante algum tempo, mas ela visitava-o sempre por algum motivo. Ainda assim, fez por conter a sua crescente curiosidade, preferindo desfrutar da alegria branda da sua companhia.

Por fim, disse, contrafeito:

– Mãe Eva?

– John?

Mesmo sem olhar, sabia que ela estava a sorrir. A poderosa anciã irradiava a alegria contagiante de uma criança. Ela puxou-o contra si, com um braço, e deu-lhe um beijo na cabeça.

– Vieste para este sítio... – começou por dizer.

– Faz hoje 100 anos – rematou ele. – Se esse é o motivo da tua visita, fico-te agradecido.

– Em parte é – disse Eva. – Passar 100 anos seja onde for é motivo para celebrar.

Ele levantou-se e sacudiu a areia antes de ajudar Eva a levantar-se. Ela aceitou cortesmente a sua mão, embora não precisasse dela. O cabelo branco e crespo era como uma coroa trançada em torno do rosto sulcado e engelhado por anos incontáveis, uma obra-prima esculpida em alegria e dor. O seu brilho era mais o de uma criança do que o de uma matriarca e a expectativa iluminava-lhe os olhos cor de mogno.

Ele estava a ponto de disparar perguntas em todas as direções, mas ela conteve-as, de braço levantado:

– Uma boa pergunta vale mil respostas, John – disse ela, provocadoramente. – Escolhe bem a pergunta.

A pergunta ganhou imediatamente forma:

– Quanto tempo? – perguntou, num tom sombrio. – Quando terá isto fim e nos curaremos por completo? Agarrou na mão dela e pousou-a sobre o seu coração.

– Para ti será bem mais cedo do que quando eu fiz essa mesma pergunta, John.

Ele respirou fundo e acenou com a cabeça, contemplando os pontos de luz âmbar que lhe salpicavam os olhos.

– Mas é pelo dia de hoje que cá estou, John. A minha filha nascerá hoje para o vosso mundo.

John franziu o sobrolho.

– A tua filha? Mas não somos todos nós teus filhos e filhas?

– São pois – respondeu ela. – Mas há muito que sabemos que três deles se iriam destacar e nos representariam. Aquele a quem foi prometida a semente, aquele cuja semente esmagaria a cabeça da serpente e aquele a quem a semente se uniria para sempre. A Mãe, a Filha e a Noiva. O aparecimento desta rapariga assinala o princípio do fim.

John ficou de tal forma aturdido que nem reparou que Eva pegara numa pedra e descera até junto do mar. Mesmo abalado e confuso, seguiu-a. Ela atirou a pedra bem alto e ambos a viram precipitar-se no mar cristalino, quase sem ruído.

– John – disse ela –, no oceano do universo uma pedra e uma ondulação são o suficiente para o modificar para sempre.

John deixou que as pequenas ondas viessem brincar a seus pés, arrastando consigo a areia por baixo deles. Estar perto de Eva era sempre reparador e desconcertante.

Uma voz estridente rasgou o ar:

– Estás a preguiçar, John.

Ele virou-se. Os perfumes de Eva acariciaram-lhe o rosto e a brisa marinha ergueu-lhe o cabelo na nuca.

Letty chegara e Eva partira.

John suspirou.

– Os Caçadores de Salvados estão a chamar-te há mais de uma hora e como és o único Colecionador num raio de 160 quilómetros...

Virando-se de novo para a água, John apanhou outro seixo polido e atirou-o bem alto, fazendo-o girar sobre si mesmo e cortar a superfície da água, com um ruído gratificante. O porquê do prazer que tão insignificante sucesso lhe dava sempre era um mistério

– Qual é a pressa deles? – resmungou, quando Letty chegou junto dele, pegando noutra pedra.

Letty era uma anciã pequena e tronchuda, com pouco mais de 90 centímetros de altura, de bengala, xaile e meias desirmanadas, dobradas sobre um par de sapatos desempareceirados. Dir-se-ia uma maçã que ficara demasiado tempo à torreira do sol, ainda rotunda, mas engelhada, com uns olhos negros penetrantes, um nariz torto e um cenho onde quase não se adivinhavam dentes. A sua bengala passaria facilmente por varinha de condão e estava apontada para ele.

Ao ver a sua expressão intensa, John deixou cair a pedra na areia.

– Letty?

Ela mediu cuidadosamente as palavras:

– Hoje, de manhã cedo, encontraram um grande contentor de metal a flutuar, puxaram-no para terra e abriram-no. Os Académicos já confirmaram que veio a flutuar da Terra até aqui, em tempo real.

– Isso já aconteceu antes – aventou John.

– Abrimo-lo e encontrámos os restos mortais de 12 seres humanos, todos eles jovens e do sexo feminino, exceto um.

– Jesus! – murmurou ele, o que tinha tanto de exclamação como de oração.

– O contentor parecia ter sido usado para transportar pessoas em longas viagens, num barco ou navio de grande porte e, como não havia destroços a flutuar por perto, concluímos que foi propositalmente atirado ao mar, mas não antes de executarem as raparigas que lá estavam dentro. Não há perdão para uma tragédia destas... – A emoção embargou-lhe a voz.

John virou-se e deixou-se cair na areia, puxando os joelhos para junto do queixo. O calor ameno e a brisa suave do dia pareciam-lhe agora uma farsa. Eva levava consigo a alegria.

Sentiu a pequena mão de Letty no seu ombro, tentando a custo conter a raiva e a dor que cresciam dentro de si.

– John, não podemos permitir que o mal das sombras se instale nos nossos corações. Sofremos neste cosmos destruído e é justo que sintamos raiva, mas não podemos renunciar ao abraço da alegria, que está para lá do nosso entendimento. Sentir tudo isto significa que estamos vivos.

Ele anuiu.

– Disseste que os humanos eram todos mulheres exceto um?

– Sim, havia também um homem de meia-idade. Inicialmente, todos acharam que ele poderia estar a tentar proteger as raparigas. Estou certa de que há uma história por trás disto, mas é provável que só daqui a muito tempo esta nos seja totalmente revelada.

– Eu não quero ver...

– Não te preocupes. Os corpos foram levados para o Santuário das Mágoas e estão a ser preparados para a celebração do fogo de amanhã. Mas agora, tens de fazer o que só tu sabes fazer... para que os Caçadores de Salvados o possam dismantelar e os Artistas arranjem maneira de homenagear estas preciosas crianças.

John fechou os olhos e virou o rosto para o céu, desejando que a sua conversa com Eva não tivesse sido interrompida de forma tão dolorosa

– Vai – disse Letty, encorajadoramente. – Os outros estão à tua espera.

John ficou surpreendido com o tamanho do contentor. Tinha, pelo menos, nove metros de comprimento e era tão pesado que tivera de ser puxado por uma dúzia de animais dos Carregadores, para o conseguirem tirar da água sobre toros. Os sulcos profundos que deixara na margem arenosa da baía eram bem visíveis. Havia tendas com mesas carregadas com o que continha: roupa, cobertores e alguns brinquedos de peluche. Ali estava mais frio, como se também o sol desviasse o rosto cálido da cena.

Tirou um pequeno estojo do bolso, abriu-o e colocou um anel no dedo. Girou depois a extremidade para mudar a impressão. Tudo aquilo em que tocasse com o anel ficaria marcado com uma data e, mais tarde, seria levado para sua casa, o Refúgio, onde ficaria armazenado para ser analisado e catalogado. Depois, tirou um par de luvas finas do outro bolso e calçou-as.

O primeiro objeto que lhe chamou a atenção e marcou era um arquivador, preto, de três gavetas, fechado à chave. Parecia frio ao tato. Acenou a uma Artesã, uma mulher que percebia de fechaduras e chaves, que o abriu numa questão de segundos e deixou John encarregue do conteúdo. Era o que esperava: pastas de registo e informação sobre carga, conhecimentos de embarque, registos contabilísticos e outra documentação.

A gaveta de baixo continha pastas com alguma informação pessoal sobre as raparigas: uma fotografia de rosto de cada uma, altura, peso, idade e estado de saúde. Os nomes eram obviamente pseudónimos; países da Terra classificados por ordem alfabética: Argélia, Bolívia, Canadá e por aí fora, até ao Líbano. John fez uma pausa para olhar para as fotografias. Os rostos e os olhos das fotos eram janelas para 12 histórias que mereciam um luto adequado.

John estava a ponto de fechar a gaveta e passar adiante quando se lembrou de algo. Contou as pastas. Doze, tal como Letty lhe dissera, o que não batia certo, pois o número que ela lhe mencionara incluía o homem. Contou-as de novo. Doze fotografias, todas elas de raparigas. Isso queria dizer que faltava uma. Talvez tivesse conseguido

fugir ou os registos estivessem incorretos, mas a discrepância estava a intrigá-lo e a impedi-lo de prosseguir.

Estaria Eva a referir-se a uma daquelas raparigas?

Um palpite levou-o a aproximar-se do contentor. Junto das portas estava uma fila de botas destinadas aos trabalhadores – calçado de proteção que seria mais tarde meticulosamente limpo e descontaminado.

John pegou num par de botas do seu tamanho.

Um Engenheiro saudou-o:

– Olá John. Que tragédia esta.

Ele acenou com a cabeça enquanto apertava os atacadores.

– Quero ir lá dentro num instante, conferir estes registos. Tens alguma informação para mim?

– Não, há ainda algumas miudezas no interior, mas já tirámos o mais importante.

John acenou tristemente com a cabeça, agradecendo a gentileza do homem.

– Acabámos também de desligar a unidade de refrigeração, mas ainda está um gelo lá dentro. Deve ter sido danificada e ficou encravada no ciclo de refrigeração, o que foi uma bênção, no meu ponto de vista. Os corpos estavam praticamente congelados. Tem cuidado, aquilo está bastante escorregadio.

As portas abriram-se facilmente, com um rangido, e a luz do sol inundou o interior do contentor. As luzes interiores tremeluziram e acenderam-se, o que parecia indicar a existência de uma bateria independente do sistema de refrigeração. Ao entrar, John apercebeu-se que estivera a conter a respiração e, quando deitou o ar fora, de dentes cerrados, o vapor da exalação elevou-se no ar e espalhou-se em seu redor.

Um terço do compartimento de carga estava ainda cheio de objetos volumosos: caixotes, tapetes e recipientes plásticos, misturados com lixo e miudezas, uma barafunda que teria de examinar, mais tarde ou mais cedo. Havia manchas de sangue congelado espalhadas pelas paredes e pelo chão do túmulo metálico, mas ele contornou-as cautelosamente. Cada ruído que fazia ecoava no silêncio.

Ao fundo do contentor, viu a ventoinha de refrigeração, agora

silenciosa e imóvel, já com uma fina camada de gelo nas pás. Após uma breve inspeção ao local, quase se convenceu de que já não havia ali nada que pudesse ocultar a rapariga que faltava.

Porém, algo de peculiar lhe chamou a atenção. Ao fundo da parede, junto da unidade de refrigeração, havia uma estrutura metálica soldada, saída da parede cerca de meio metro. Voltou a aproximar-se cautelosamente e examinou-a com atenção. Por baixo havia dobradiças e, quando passou os dedos pelo topo, descobriu dois fechos enormes. John sabia que, se os desencaixasse, toda a estrutura se abriria para baixo e para fora. Talvez fosse um sítio para dormir, uma espécie de catre ou o tampo de uma mesa. Talvez o posto de um guarda.

Primeiro hesitou, mas depois soprou nas mãos e abriu os fechos, que se soltaram com um ruído surdo. Ao baixar a parede metálica, o aço congelado gelou-lhe a palma das mãos e os dedos através das luvas finas. Era pesada e ele teve de a apoiar num ombro, para a descer, até as correntes de ambos os lados se esticarem por completo. A robusta estrutura parou na horizontal, a cerca de um metro do chão. E foi aí que ele a encontrou.

O corpo destroçado da jovem adolescente estava dentro daquele espaço. Alguém o fechara à força e ela não coubera lá dentro. Poderia até estar a dormir tranquilamente, com os membros em posições estranhas e a cabeça dobrada contra o peito, se não fossem os cortes e lenhos que começaram a sangrar assim que lhe aliviou a pressão sobre o corpo. Um dos pés estava quase decepado. John ficou paralisado, como que preso no tempo, de olhos pregados na rapariga congelada.

Em seguida, deu meia-volta e saiu, demasiado agoniado para evitar sequer as manchas de sangue. Precisava de ir buscar gente treinada para lidar com aquele tipo de coisas.

– Encontrei outra rapariga! – gritou, desencadeando uma onda de agitação na direção do contentor. Ele ficou no exterior, desatou os atacadores das botas e tirou-as. Depois, voltou para a tenda onde marcara o armário, sentou-se e encostou-se a ele.

– Oh, meu Deus, como é possível que ainda nos ames? – sussurrou. Depois fez uma pausa e olhou na direção do contentor. – Por favor, concede-lhe a Tua paz – rezou.

Ao ouvir uma segunda explosão de atividade e de gritos, levantou-se. Um Carregador seu amigo entrou esbaforido na tenda e abraçou-o.

– John, a rapariga que encontraste ainda está viva! Está por um fio, mas está viva! – O homem abraçou-o uma segunda vez com um grande sorriso. – Agora és um Salvador, John! – gritou o Carregador quando saiu. – Quem poderia imaginar!?

John afundou a cabeça entre as mãos, entorpecido. Se aquela era a filha de Eva, fora dolorosamente parida em sangue e água. Que bem poderia advir de tamanha malvadez?